

HOTEL EM CASA

Uma amiga minha deu-me sabonetinhos, frasquinhos com champôs e loções que dão de brinde nos hotéis. Uso-os em casa, na casa de banho, como se estivesse na casa de banho de um quarto de hotel. Assim, com estes sabonetinhos e frasquinhos, parece que estou num hotel sem sair de minha casa. Não viajo, não tenho dinheiro para viajar e já não gosto de viagens.

26/2/17.

Adília Lopes, *Estar em casa*, pág. 60, Assírio & Alvim

2.

É com palavras que te vou guardar
na praia do meu corpo. E através delas
dar-te vida para sempre. E então escolher
entre raivas e mágoas só aquelas
mais perfeitas e claras que dirão
de nós o exacto nome. E perceber
que enredos edifica a minha mão
com palavras – e só – para te prender
aos instantes de mim na tua vida
e em tudo o que ao futuro conquistei:
palavras nesta luta desmedida
como límpidas armas. E erguê-las.

E sabê-las certas. E ganhar.
Outras armas não tenho para além delas.

Alice Vieira, *Olha-Me como Quem Chove*, Livro 3, pág. 68, D. Quixote

12.

Para a Vida (a Manuel Lopes, bibliotecário)

Perturba-me a ideia de morreres
- disse-lhe. Respondeu-me:
como queiras, a morte é igual à vida
silenciosamente “a gente” há-de amar noutra quietude,
noutro espaço...
Não te importes, a chuva cairá e tu escreverás até morreres.
Da janela do meu quarto avisto tudo
como se quisesse abraçar
os dias brancos de todos os meus anos.
Espanta-me o segredo da morte, sabes?,
o levedar lânguido de vénias terrestres
não é bem para o meu jeito.
Custa-me a andar, é o mistério do voo
que anda agora a apaixonar-me. Livre
como aquela gaivota que sobrevoa o mastro,
o que eu quero, é o azul e o mar,...
Lá me encontrareis sempre, depois de enviar
cartas aos amigos.
Quanto ao mais?!, continuai a lutar, a guerra...,
porque é de cinza a leveza de meu corpo
e não quero restos a pesar a ninguém,
só quero o vento e o mar...

- peito em quilha. Ó Homem do leme!
Respondi.

Aurelino Costa, *Gadanha*, pág. 44, Modo de ler

Nómadas

Só o amor pára o tempo (só
ele detém a voragem)
rasgámos cidades a meio
(cruzámos rios e lagos)
disponíveis para lugares com nomes
impronunciáveis. É preciso conhecer os mapas
mais ao acaso
(jamais evitar fronteiras
nunca ficar para atrás)
tudo nos deve assombrar como neve
em Abril. Só o amor pára o tempo só
nele perdura o enigma
(lançar pedras sem forma e o lago
devolver círculos).

João Luís Barreto Guimarães, *Nómada*, pág. 66, Quetzal

CASTANHAS: UMA DÚZIA, DOIS EUROS

Deus desistiu
de acreditar em mim,
muito tempo antes
de eu duvidar
da Sua existência.
Depois, tentei
construir uma fábrica
de enredar frases;
como seria inevitável,
falhei. Agora,
olho para as mãos
e vejo-as tremer.

José Alberto Oliveira, *De Passagem*, pág. 19, Assírio & Alvim

FACHADA

Desço para fumar um cigarro.
Vejo o prédio em frente e por prédio
quero dizer andaimes.
Os andaimes não têm paredes
e cercam as casas,
ocupam-nas em liberdade.
Há uns vestidos num estilo punk,
e, por mim, dali se poderia mandar na cidade.
Fazer palestras, comícios,
feiras com altifalante na mão.
Conceder-lhes permanência estival,
promulgar o nudismo
e vê-los a rir de quem não sabe montá-los.

Marta Chaves, *Varanda de Inverno*, pág. 95, Assírio & Alvim

I. CLIPE PARA TODOS (FOLHAS UNIDAS JAMAIS SERÃO PERDIDAS)

As palavras entravam nos olhos e seguiam os caminhos do corpo, apertavam às vezes num lugar que dizem ser o coração. Os gestos da mulher sabiam a chá e às palavras lidas, à temperatura solar da mancha gráfica. Sabiam a biscoitos estaladiços mas sem arquitectura no sabor e no aroma como páginas soltas anotadas ao canto. O homem sentando na varanda ao meio-dia – hora em que a alma se torna imaterial com o calor – tocava notas soltas no teclado, um portátil leve, uma brisa de escrever. A mulher na varanda da casa ao lado, o aroma do chá atravessando o ar na inexistência de um único universo que os comungue. Ao falar deles podia referir-me à multidão que se cruza à boca do metro, à saída do trabalho, no parque de estacionamento do super, ou mesmo na missa, porque ser crente é um monólogo limitado no espaço, uma solidão de linguagem sem resposta. Um vizinho geme no andar de cima, a madeira range passo a passo, o ruído seco da bengala, a tosse avulsa é mais à noite, a mulher e o homem lamentam-se à vez, ela da bengala, ele do gemido. Um fio de aço dá três curvas de contorcionista ou inverte a marcha, repetidamente, antes do corte limpo e sem rebarbas. Não esquecer a abertura flexível, o horizonte que entra pelas vidas desatadas, o milagre do clipe no final do dia quando na varanda os dois tomam chá e as folhas encontram o seu lugar na vida. Vaaler pensou divinamente a relação indissolúvel entre as formas oblongas e as folhas de papel sem prever que no armário do vizinho – esse mesmo do andar de cima – um velho casaco resiste com o clipe na lapela e as casas dos Aliados estão ainda povoadas de cliques contra o genocídio. É o mesmo que dizer que nos lábios se calava a cumplicidade que um arame de aço ostentava nas ruas ocupadas. Ele e ela desfolham-se enquanto o clipe, enquanto as folhas juntas em doçura e suor dos dias quentes. É o aço fundente a urdir entre os grampos uma cidade onde desaguam, página a página, as coisas lidas.

Rosa Alice Branco, *Traçar um nome no coração do branco*, pág. 9-10, Assírio & Alvim

AULA DE ARQUEOLOGIA

não, ela era bem como tu
como mais ninguém foi depois ou é ou virá a ser
e tu procuras ainda a última cara
a promessa do encaixe da mão no perfil
e isso acabou há tantos anos
foi antes mesmo desta cidade
um facto para ser coberto
por ruínas e areias e novas construções e desenterrado
quando alguém voltar para tactear
entre as omoplatas e a cavidade torácica
o que agora está descomposto
e foi esta coisa viva:
o corpo que tu usaste

escavado com o cuidado de pincéis que afastam o pó
quando os arqueólogos desta equipa puderem decidir
que o que em ti esteve vivo é apenas este golpe de teatro
uma coisa para ser guardada numa caixa insignificante
num museu qualquer um corpo são certos indícios
não um objecto estranho ou uma cidade
a que voltaste muitas vezes
ou outra cópia desse livro que amaste e que era
a única coisa a declarar num trânsito mortal
a um qualquer funcionário cansado
de um serviço de estrangeiros e fronteiras
um livro vermelho num dia de festa
demasiada alegria na mesa de um qualquer café
numa terra demasiado pequena para estranhos
como nós não serem olhados como estrangeiros
e o que em ti esteve vivo muito menos
do que esta atmosfera lunar
o último gesto do último dos teus começos

ela era como tu e no entanto deitou-se contigo
muito depois das estações terminais
um inverno tão completo como um naufrágio
tu falaste do calor da tua cidade até à mitologia
florencia acesa de guelfos e gibelinos
brancos e negros a tua violência é tanto como a deles
uma vontade cega sem inteligência sem civilização
atacar primeiro antes que te ataquem a ti
uma destas noites ao atravessar qualquer uma das pontes
trespassa-te um amor que não esperaste chegado
muito antes da ternura e do desprezo e reparas
como o frio por estas paragens enlouquece as pessoas

e tudo o que agora se vai partir
foram os teus arranjos o teu cuidado com os cacos
diz-lhes adeus enquanto ainda há música

e tu ainda não despiste as asas não limpaste da cara o pó-de-arroz
e o amor que carregas contigo
não é ainda doente como um longo cuidado
indigno de aparatos e sem conserto
porque para isto nunca nada esteve pronto

de manhã na estreiteza da passagem
quando tudo for inadiavelmente mais claro
e as lanternas de papel humilhadas de chuva
balançarem nos ramos como um passado
tudo factos que permanecerão desconhecidos
por exemplo: só o tropeço existe de verdade
e isso é porque insistes desde sempre
em usar sapatilhas um tamanho acima
e o dono do bar é um homem envelhecido
que rola as pipas para o mundo subterrâneo da cave
por um alçapão aberto no pavimento
como um encenador prepara a sua cena
sozinho na manhã que rompe em laranja e negro
ambos privados de profecia
apenas tu testemunha e ele testemunhado

e qualquer magia fica com o empregado que o ajuda
o seu trabalho pesado e difícil de besta de carga
a solidão solene dos dois no gelo desta manhã
por algumas moedas e guarida
este rapaz com os braços apoiados na superfície do chão
as pernas a desaparecerem escada abaixo
thomas bernhard empregado de loja
uma infância entre pontes, montanhas, nazis
um pai que nunca chegou, que teve de ser procurado

à espera da próxima carga de braços abertos
num peito que a partir daqui
não vai poder encher-se de ar que chegue
mas por enquanto naufragado num charco
de cerveja escura e espessa
e com a cor e o cheiro do mel
entre o chão e o subterrâneo
tu pensas é ainda tão cedo

e quando anoitecer e tu caminhares
na escuridão da rua para a tua casa apagada
nestes quarteirões carregados de neve
onde cada vez menos dos teus amigos se riem
e onde se acendem os últimos trompetes
e faz tanto frio que o metal da chave se contrai
e não podes sequer abrir a porta da tua morada
lembra-te que não foi esta noite nem este quarto
e aí onde estás desamparado como ficaste
não compres este momento por menos

não te apanhes a dizer
não foi isto o combinado

Tatiana Faia, *Um quarto em Atenas*, págs. 10-13, Tinta da China

vou sempre trocar-te
por uns versos
poemas feios os meus
poemas feios

declarar a prece
rezar pelos dedos é
desconfiar de deus

a humanidade acontece
às crianças e aos
velhos
resto disso há um
bicho com ocasional
adorno sentimental

Valter Hugo Mãe, Publicação da Mortalidade, pág. 28, Assírio & Alvim

Existe um elemento
mais forte neste silêncio eléctrico.

Não são as vagas ondulações
do terreno,
nem o aceno dos canaviais.

Os teus olhos,
em atenta despedida,
o retrato perfeito da insatisfação.

Vasco Gato, *Um Passo Sobre a Terra*, II, pág. 90, Língua Morta